

O ser interior e a arquitetura do self

Walter José Martins Migliorini*

Trinca, Walter. *As múltiplas faces do self*. São Paulo: Vetor, 2016. 142 p.

Em seus últimos trabalhos, Walter Trinca vem se dedicando à apresentação de uma visão de conjunto da psicanálise com a finalidade de nortear o pensamento e a intervenção clínica. Nas últimas publicações, apresentou uma espectrografia dos estados mentais, focalizando as perturbações psíquicas em *Psicanálise compreensiva: uma concepção de conjunto* (Trinca, 2011), e, no outro extremo do contínuo, os estados de expansão da consciência em *Viagem ao coração do mundo: a apreensão da imaterialidade* (2014). Nesse percurso, o autor vem desvelando o lugar do ser e da interioridade na psicanálise.

Via de regra, o conceito de self é utilizado na literatura psicanalítica e psicológica de modo a abarcar a experiência de contato com o próprio ser, sem discriminá-la dos estados mais imediatos e mutantes da apreensão subjetiva de si mesmo. Enquanto as definições de self são variáveis e, muitas vezes, inconciliáveis, o elemento fundamental do conceito de *ser interior* é, precisamente, a experiência de presença de um ser em cada indivíduo humano.

Nessa direção, em *As múltiplas faces do self* (2016), Walter Trinca retoma e aprofunda a reflexão – antropológica, epistemológica e metodológica – de como se distinguem e relacionam self e *ser interior*. Em sua perspectiva, desenvolvida ao longo das últimas décadas, há um núcleo primordial do ser, diferenciado do self, com o qual podemos manter diferentes graus de contato ou distanciamento, de modo que suas manifestações podem ser investigadas na clínica. O livro é uma reapresentação da psicanálise compreensiva, desta vez, focalizando o eixo self e *ser interior*, suas vicissitudes, definições e implicações clínicas. Nessa reapresentação, a espinha dorsal do pensamento do autor ganha nitidez.

Diferente de outros psicanalistas que também se referem a um núcleo central do self, Trinca define o *ser interior* não apenas como núcleo dinâmico, mas como “uma entidade psíquica com existência e dinâmica próprias” (Trinca, 2016, p. 11). Do ponto de

* Membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), docente do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis – SP.

vista da experiência, é a forma única como a sensibilidade de uma pessoa se apresenta no mundo e também a possibilidade de uma pessoa apreender em si mesma princípios de organização harmônica da natureza presentes na interioridade do ser humano. Assim, a presença *do ser interior* no campo psíquico se converte em estados de self de inteireza e expansão, enquanto o distanciamento de contato com o *ser interior* estaria na base do sofrimento psíquico.

Originariamente, ao vislumbrarem e se relacionar com a pessoa do bebê, as mães estariam também reconhecendo nele o *ser interior*, distinto dos estados de self mais passageiros. Nesse processo, “ser vista, distinguida e amada pelo que ela fundamentalmente é constitui, para a criança, a matriz original do contato consigo própria” (p. 41). Há, portanto, um núcleo que se distingue das várias manifestações da personalidade e, por esse motivo, o processo de identificação com o outro não representa “a essência original da pessoa, uma vez que [...] há alguma coisa que é original e própria do indivíduo, escapando totalmente aos jogos identificatórios” (Trinca, 2016, p. 44). Tampouco é a pulsão de morte que, reativamente, leva a criança a descobrir-se como ser. Ao contrário, a pulsão de morte exerce um poderoso papel na obstrução do contato com a própria interioridade e, conseqüentemente, nas diversas formas de perturbação do self.

Do ponto de vista clínico, o distanciamento do contato com o *ser interior* se presentifica de duas maneiras fundamentais: como esvaziamento ou como preenchimento do self. No primeiro caso, por experiências de profunda fragilidade acompanhadas de angústia de dissipação e aniquilamento. No segundo, por vivências de saturação provocadas pela sensorialização do psiquismo, com a finalidade de se evitar o contato com o próprio sofrimento. Em tais processos, a pulsão de morte é o elemento desencadeante primário (embora não único), cujas manifestações clínicas são descritas, fenomenologicamente, como *constelações do inimigo interior*. São exemplos destas últimas, os ataques carregados de crueldade voltados contra si mesmo e ao outro; a inveja; os entorpecimentos por excesso de trabalho ou drogas; a adesão irrefletida a sistemas religiosos ou a ideologias totalitárias; a corrupção, o consumismo etc. No trabalho terapêutico, o recurso figurativo vívido do *inimigo interior* facilita o reconhecimento das configurações da destrutividade no self e torna-se um elemento valioso nos estudos de caso. Nessa direção, o autor assinala que o conceito de constelação possibilita a operacionalização do trabalho psicanalítico ao concentrar

“numa base comum a multiplicidade dos elementos dispersos em vários tipos de ataques destrutivos contra a realidade interna e externa” (Trinca, 2016, p. 64).

O coração do método é o princípio de que o grau de contato de uma pessoa com a própria interioridade determinará diferentes modalidades de organização e de estados de self. Essa perspectiva inaugura na psicanálise a possibilidade de investigação dos estados de ampliação psíquica, tais como os de plenitude e encantamento com o mundo, e equaciona as perturbações psíquicas no campo mais amplo das distorções do self e da fenomenologia de suas manifestações e organizações. Também as condições da vida cultural e social são passíveis de análise por esse modelo, quando implicam em uma coisificação e sensorialização da vida que apartam as pessoas de si mesmas e do outro.

A proposta de uma síntese compreensiva fundamentada no ser e de seu lugar na arquitetura do self é um outro olhar sobre o caminho das pedras que conduz uma pessoa ao encontro ou ao reencontro de si. A formação clínica nos leva a antessentir a interioridade única de cada paciente e sua revelação, ou ocultamento, durante o processo terapêutico. É esse o fenômeno apresentado no livro, cuja leitura também conecta o leitor – clínico ou não – às experiências de apreender os próprios estados de self e de estimar, em dado momento, as possibilidades pessoais de sentir inteireza e abertura suficientes para vivenciar a imaterialidade mais profunda do mundo e do próprio ser.



Trinca, W. (2011). *Psicanálise compreensiva: uma concepção de conjunto*. São Paulo: Vetor.

_____. (2014). *Viagem ao coração do mundo: a apreensão da imaterialidade*. São Paulo: Vetor.

REFERÊNCIAS

WALTER JOSÉ MARTINS MIGLIORINI

Alameda Marselha, 50
19815-606 – Assis – SP
tel.: 18 99611-2227
wjm.migliorini@icloud.com

RECEBIDO 15.05.2017
ACEITO 28.05.2017